

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE

Lovani Volmer¹
Pietra Da Ros²

Resumo: Este estudo discute, a partir das vivências de acadêmicos de licenciatura em Letras em um projeto de extensão universitária - “O mundo em Novo Hamburgo: refugiados e migrantes - uma questão de direitos humanos” -, a importância da língua como acolhimento e as suas contribuições à formação docente. Para tanto, apresenta-se o Projeto e seus atores, assim como as atividades realizadas, com ênfase nas oficinas de Língua Portuguesa. Assim, pretende-se promover o debate acerca da docência em um contexto de ensinoaprendizagem multicultural e multilíngue, capaz de promover acolhimento e inserção social e, assim, contribuir na formação docente, na busca por uma sociedade mais empática e equânime.

Palavras-chave: Formação de professores; Língua Portuguesa; Extensão.

University extension and teacher training

Abstract: This study draws on the experiences of students from the field of “Letras” who participated in an university extension project - “The World in Novo Hamburgo: refugees and migrants - a matter of Human Rights”. Based on these experiences, we discuss the importance of language as a means to make immigrants feel welcome as well as its contributions for teacher training. We begin by presenting the project and its actors. In addition, we describe the activities that were carried out, with emphasis on the Portuguese Language workshops. Our intention is to promote the debate on teaching-learning in a multicultural and multilanguage context, that should be able to provide support and social reception, so that teacher training helps to create a more empathetic and equanimous society.

Keywords: Teacher training; Portuguese Language; Extension.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Brasil é signatário da Convenção da ONU de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados, comprometendo-se internacionalmente em prestar auxílio humanitário aos refugiados em temas como moradia, educação, direito ao

¹ Universidade Feevale (lovaniiv@feevale.br)

² Universidade Feevale (pietradaros@icloud.com)

trabalho e não devolução. Na região metropolitana de Porto Alegre, vive, atualmente, um número expressivo de refugiados senegaleses, além de haitianos, angolanos, colombianos e venezuelanos, dentre outros, que trabalham ou estão à procura de emprego.

Essa nova realidade, num processo de migrações, fuga de áreas em conflito e miséria, criou uma nova demanda: a constituição de grupos de apoio a esses migrantes e refugiados que chegam ao Brasil e, assim, também às nossas escolas. Nesse sentido, foi criado, em 2016, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, o projeto de extensão “O Mundo em NH: refugiados e migrantes - uma questão de direitos humanos”. O Projeto atende semanalmente a migrantes e refugiados de diversas nacionalidades e culturas. Como parte relevante dessa acolhida, considerando a língua fator determinante para a efetiva inserção social e, a partir de Bakhtin (1999; 2003), sinônimo de identidade, estão as ações relacionadas ao ensinoaprendizagem do português, língua oficial do Brasil, a esses imigrantes. Nesse sentido, este estudo, que se insere nas temáticas de direitos humanos e formação docente, pretende discutir, a partir das vivências de acadêmicos de licenciatura em Letras no Projeto de extensão “O Mundo em NH”, mais especificamente, nas oficinas de Língua Portuguesa, um ambiente multicultural e multilíngue, a importância da língua como acolhimento e as suas contribuições à formação docente, visando à construção de uma sociedade.

UM OLHAR SOBRE “O MUNDO EM NH”

Em Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos, vive, atualmente, um número expressivo de refugiados e migrantes senegaleses, além de haitianos, angolanos, colombianos e venezuelanos, dentre outros, que trabalham ou estão à procura de emprego. Essa busca pela região como destino de migração exigiu a organização de ações para a inserção social desses indivíduos, no combate às diferentes formas de violência e intolerância.

Nesse contexto, iniciou, em 2016, na Universidade Feevale, instituição comunitária localizada na região metropolitana de Porto Alegre, o projeto de “Humanos”, cujo objetivo é promover uma cultura de paz e tolerância, através do acolhimento e inserção social de grupos de refugiados e migrantes e da articulação de ações educativas voltadas aos Direitos Humanos. A maior parte das ações acontecem por meio de atendimentos específicos e oficinas de ações educativas que têm por finalidade integrá-los à comunidade e combater o

racismo e a xenofobia. Atualmente, os cursos de Letras, Direito, Enfermagem, Fotografia, História e Psicologia da Universidade Feevale estão envolvidos no Projeto, que, ao longo desses anos, já atendeu em torno de 80 migrantes e refugiados.

Na prática, o migrante ou refugiado que têm interesse em se beneficiar do Projeto deve ir à Universidade em uma quarta-feira à noite, a partir das 19h30min, portando seu documento de identidade e comprovante de residência brasileiro. Na ocasião, recebe um Cartão de Aluno, que lhe dá acesso aos serviços da Instituição e ao ônibus gratuito entre a estação de trem e os câmpus. Semanalmente ocorrem, na primeira parte da noite, as oficinas de Língua Portuguesa, que têm como objetivo principal a aprendizagem da língua portuguesa. Em seguida, na segunda parte da noite, intercalam-se oficinas de História e Cultura do Brasil, Fotografia e Psicologia, em que são abordadas temáticas específicas e de interesse dos beneficiados. Além disso, aqueles que participam do Projeto têm, também, caso necessitem, à sua disposição assessoramento jurídico e psicossocial, além de encaminhamentos, quando necessário, à área da saúde.

No que diz respeito especificamente às oficinas de Língua Portuguesa, salientam-se as contribuições do Projeto também na formação dos futuros professores de língua e literatura, que atuam como bolsistas de extensão. As oficinas são planejadas em conjunto com uma professora do curso de Letras, integrante do Projeto, que também acompanha as aulas. Além disso, são espaço de observação e aplicação de estratégias de ensino e de materiais didáticos, produzidos especialmente na disciplina de “Análise e Produção de Material Didático” do Curso de Letras, de acordo com objetivos pré-estabelecidos.

AS OFICINAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DOCENTE

A linguagem é um dos principais instrumentos de mediação nos processos de apropriação da cultura e a palavra, polissêmica e dialógica, nas palavras de Bakhtin (1999; 2003), traz marcas socioculturais e históricas que se fazem presentes no desenvolvimento psíquico, motor e emocional dos sujeitos. A língua portuguesa, nesse sentido, é a base para a comunicação dos migrantes e refugiados que chegam ao Brasil, ou seja, a sua aprendizagem possibilita que

adquiram competências linguísticas e, também, saberes sociais para que possam ser e agir no mundo de maneira crítica.

Essa importância é perceptível, por exemplo, na fala de uma migrante colombiana beneficiada pelo Projeto, que afirma:

Parece que, quando chegamos, todos estão numa bolha, num filme, e a gente assiste de longe. É difícil entrar nessa bolha para se comunicar, se sentir parte, mas como a gente vai aprendendo Português, a gente consegue, e quando sabe dizer o que tem vontade é mais fácil, está dentro da bolha. (migrante colombiana, 27 anos, há 1 ano no Brasil)

Outra migrante, proveniente da Palestina e que vive há 16 anos no Brasil, complementa, reforçando a importância do português enquanto língua de acolhimento, pois é a partir dela que o sujeito constitui e é constituído, ou seja, a palavra proferida não é apenas um meio de comunicação, mas também conteúdo da própria atividade psíquica:

Nos dois primeiros anos em que estive no Brasil, senti que não vivia. Eu não me comunicava, não tinha comunicação. Não podia levar meus filhos no hospital, porque não conseguia falar. Era difícil ir ao mercado, fazer coisas simples. É como se eu não tivesse existido naqueles dois anos. (migrante palestina, 38 anos, há 17 anos no Brasil)

Nesse contexto, o enfoque nas aulas de português para estrangeiros parte da necessidade da comunicação como facilitadora para a realização das demais atividades e como premissa na constituição identitária dos migrantes e refugiados. É por meio dela que a ambientação no país é firmada, ampliando as chances de se buscar emprego, prosseguir com os estudos ou mesmo viver o cotidiano, compreendendo e sendo compreendido.

Desde que o Projeto iniciou, em torno de 80 migrantes e refugiados já participaram das aulas de português. São crianças, homens e mulheres, entre 10 e 45 anos, de diferentes nacionalidades – Senegal, Haiti, Colômbia, Venezuela, Filipinas, Palestina, Suécia, Argentina -, falantes de diferentes línguas, a maioria bilíngue ou multilíngue, com culturas, vivências e experiências bem particulares, com diversos níveis de escolaridade, mas, ao mesmo tempo, com um objetivo em comum: aprender e/ou aperfeiçoar a sua competência linguística na língua oficial do país que os acolheu.

Os migrantes ou refugiados oriundos de países do continente africano falam, no geral, além do inglês ou do francês, línguas crioulas, assim como os falantes do continente asiático, como os filipinos e palestinos, que, além da sua língua materna, também falam inglês. Os haitianos, por sua vez, além do francês, falam o crioulo haitiano. Nesse sentido, cabe destacar que, em muitos casos, muitos deles, antes de chegarem ao Brasil, já viveram em outros países e, por isso, aprenderam outras línguas - muitos haitianos, por exemplo, em sua rota de fuga, já tiveram contato com o espanhol.

Nesse ambiente multicultural, ocorrem, todas as quartas-feiras, das 19h30 às 21h, as aulas de língua portuguesa, cujo foco inicial é o uso da língua no âmbito social e comunicativo, em que, seguindo a concepção freireana, todos ensinam e todos aprendem:

Creio poder afirmar [...] que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivos, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 1996, p. 41).

Partindo dessa premissa, para a efetivação das aulas, não se faz uso de livro didático, mas se organizam os encontros conforme o perfil, os interesses e as necessidades dos alunos, avançando, gradativamente, nas especificidades da língua, que, aos poucos, vai se tornando mais harmônica aos ouvidos e facilitando a comunicação, tanto entre os participantes ou destes em seu cotidiano. Cabe destacar que alguns, inclusive, chegaram com pouquíssimos conhecimentos de português no Projeto e já conseguiram aprovação no Celpe-Bras - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros³. Esses alunos continuam participando das aulas e servem de inspiração àqueles que chegaram há menos tempo e, por vezes, apresentam dificuldades para compreender, falar e/ou escrever em português.

³ O exame é aplicado semestralmente, no Brasil e no exterior, pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Importante frisar que, especialmente quando faz muito frio, muitos alunos não mantêm assiduidade, pois as questões climáticas, aliadas às econômicas, fazem com que optem por ficar protegidos. Essas questões influenciam diretamente no planejamento e organização das aulas, uma vez que é possível, a cada semana, a participação de novos alunos, o que exige planejamento flexível e dinamicidade dos acadêmicos que ministram as aulas. Em tempos de pandemia, por exemplo, como é o caso da situação em que todos se encontram neste momento, as aulas não estão acontecendo presencialmente, mas de forma virtual. Semanalmente, no mesmo dia da aula, ou seja, às quartas-feiras, os beneficiados recebem, pelo WhatsApp, materiais e dicas para que possam, mesmo em tempos adversos, continuar ampliando seus conhecimentos linguísticos. A língua, nesse contexto, para além do processo de ensinoaprendizagem, é acolhimento, é a possibilidade de olhar para o outro e considerar o momento e suas necessidades para, a partir desses elementos, planejar o que será enviado e a melhor forma de fazê-lo.

Assim como as aulas de português se adaptaram às circunstâncias impostas pelo coronavírus, as oficinas também se adaptam aos costumes religiosos de cada um, uma vez que há crenças adventistas, muçulmanas e mórmons, bem como o ateísmo, na mesma sala. Dessa forma, os planos de aula se estruturam em um dos pilares do projeto: a empatia. Cita-se como exemplo uma situação em que estava planejado, para determinada aula, abordar a variedade de comidas típicas no país, principalmente, no estado do Rio Grande do Sul. Porventura, cairia no período de jejum dos muçulmanos, o Ramadã, o que fez com que o planejamento fosse revisto em prol do bem-estar e identificação de todos.

É nesse contexto que estão inseridos acadêmicos de Letras, bolsistas de extensão, professores em formação. Desde 2016, quando o Projeto iniciou, já participaram em torno de 20 acadêmicos do Letras, entre bolsistas remunerados e voluntários - para ser bolsista remunerado, faz-se necessário participar de seleção via edital específico, enquanto os voluntários inscrevem-se a cada início de semestre. Em 2019, quando as atividades apresentadas neste estudo foram realizadas, houve a participação de 4 acadêmicos do Letras, sendo uma bolsista remunerada e três voluntários. As vivências desses estudantes vão ao encontro do que preconizam os documentos legais no que diz respeito à docência:

Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios

e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015, p. 3).

Para que esse perfil docente se efetive, faz-se necessário aliar a teoria à prática, além de, constantemente, refletir sobre o que se faz. “Por que eu faço o que eu faço do jeito que eu faço?” é um questionamento que acompanha a professora orientadora e os acadêmicos a cada semana. Essa premissa remete a Freire (1996, p. 22), ao considerar que “o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador”. O planejamento, cabe destacar, acontece semanalmente – trata-se de encontros presenciais, em que acadêmicos e uma professora do curso de Letras que integra o Projeto avaliam o encontro anterior e, com base nele e nos objetivos que delineiam, planejam o seguinte, considerando que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 22). No momento, dadas as circunstâncias em função da COVID-19, esse planejamento ocorre a distância – a professora e os alunos têm encontros síncronos semanalmente, quando avaliam os retornos recebidos dos alunos, as percepções de cada um para, a partir daí, planejar a temática e a elaboração dos materiais seguintes.

Nesse contexto, muito mais que planejar aulas de língua portuguesa e ensinar o idioma, são consideradas as vivências e as necessidades dos participantes. Para tanto, em uma abordagem sociointeracionista, faz-se, como já exposto, o uso de materiais autênticos nas oficinas, ou seja, a língua viva usada em diferentes situações comunicativas é que é a língua portuguesa que norteia as aulas, que se dão a partir de gêneros textuais diversos, tanto orais quanto escritos, de forma dinâmica e interativa.

A seguir, no intuito de elucidar ainda mais as ações e contribuições das Oficinas de Língua Portuguesa no que diz respeito à língua como acolhimento, à cidadania e à formação docente de acadêmicos de Letras, explicita-se o Projeto “Autorretratos”, que norteou as oficinas ao longo do primeiro semestre de 2019.

AUTORRETRATOS: A INTERDISCIPLINARIEDADE NA PRÁTICA

“Autorretratos”, como o próprio nome sugere, tinha como objetivo a realização, nas oficinas de Língua Portuguesa, de autorretratos com palavras, visando a um olhar sobre si e, especificamente no que diz respeito à língua, à ampliação do vocabulário e à expressão oral. Assim, inicialmente, os participantes foram desafiados a criar, a partir das letras do seu nome e fazendo o uso de adjetivos que lhe identificassem, um acróstico. Foram distribuídos folhas, canetas coloridas, lápis de cor, tecidos e papéis coloridos para a concretização da proposta.

Concluída a atividade, foi organizado um varal poético e cada um apresentou oralmente sua produção. Todos os adjetivos foram sendo anotados no quadro e novas palavras foram naturalmente surgindo e sendo explicadas. Ao final, traçou-se, em conjunto, o perfil da turma, estabelecendo semelhanças e diferenças entre os participantes. Essa atividade também possibilitou que fossem discutidas expressões típicas do Rio Grande do Sul, como “tri”, “bagaço”, “borracho”, “faceiro”, “xiru”, “xucro”, entre outras, que foram aparecendo no momento de socialização das palavras por já terem sido ouvidas por um ou outro participante.

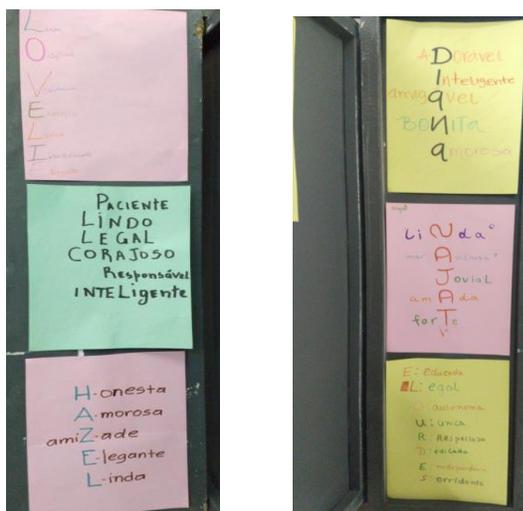
A Figura 1, que segue, traz alguns dos textos, que, além de ampliar o vocabulário, possibilitaram aos participantes conhecerem-se um pouco mais e, com palavras positivas, elevar sua autoestima.

Esses acrósticos foram reproduzidos e compartilhados com alunos de uma escola pública municipal da cidade, que estava estudando a temática da migração e havia feito contato com o Projeto para que fossem realizadas atividades junto aos alunos. Representantes da escola (professores e estudantes) vieram até a Instituição para conhecer um pouco mais sobre o “Mundo em NH” e levaram consigo os acrósticos, que foram redistribuídos entre os alunos da turma. A ideia era cada um escrever uma carta de boas-vindas ao Brasil para seu “amigo migrante secreto”.

Paralelamente à atividade das cartas, que não era de conhecimento dos migrantes, as aulas ocorriam normalmente nas quartas-feiras à noite. Assim, no encontro posterior à produção dos acrósticos, foram lidos, analisados, estudados, trabalhados os poemas *Retrato*, de Cecília Meireles, *O Autorretrato*,

de Mário Quintana, e *Autorretrato*, de Juca Chaves. Explorou-se o vocabulário, a sonoridade, o ritmo e a melodia de cada um dos textos, que foram livremente recitados pelos alunos.

Figura 1 - Acróstico



Fonte: as autoras

Ainda, no intuito de explorar a sonoridade das palavras, propôs-se um jogo, dominó silábico, o qual consistia, inicialmente, em juntar os desenhos cujos nomes começassem pela mesma sílaba (a imagem da casa se unia à do cachorro, por exemplo).

Na etapa seguinte, o desafio foi brincar com as palavras e, com elas, criar seu autorretrato. Com a mesma disponibilidade de materiais que tiveram quando da construção dos acrósticos, tomaram a liberdade de escrever-se. Alguns o fizeram diretamente na língua portuguesa, outros escreveram na sua língua de origem e traduziram aos poucos, comparando as semelhanças e diferenças entre ambas as línguas. Por vezes, precisaram recorrer apenas ao conhecimento do português, pois o intuito da rima, por exemplo, não se concretizaria na tradução livre da língua nativa. Esse jogo de palavras, de balanço nas escolhas é, também, parte da identidade, especialmente em uma

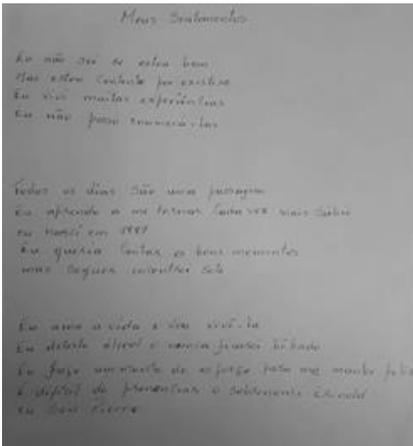
segunda, terceira ou quarta língua, como é o caso de muitos dos participantes do Projeto.

Após escritos e reescritos, os textos foram recitados, conforme a vontade de cada um. Embora não fosse obrigatório, todos recitaram, com orgulho, seus escritos, que, mais que possibilitar conhecer um pouco mais a língua portuguesa, possibilitou-lhes escrever e reescrever parte de si, suas memorescências, que remetem a Chauí (2006, p. 156):

Há um vaivém contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade (as coisas, os fatos, as pessoas, as instituições sociais, políticas, culturais), o pensamento (as idéias ou conceitos como significações) e a linguagem (as palavras, os significantes) são inseparáveis, suscitam uns aos outros, referem-se uns aos outros e interpretam-se uns aos outros.

Essa relação tem sua importância também no que tange à formação docente. Quando se fala do profissional de Letras, sabe-se que este deve ter consciência do que a língua abrange, levando em consideração, principalmente, o fator social e identitário. As Figura 2, 3 e 4, que seguem, trazem alguns dessestextos para fins de exemplificação.

Figura 2 – Meus sentimentos

 <p><i>Meus Sentimentos</i></p> <p>Eu não sei se estou bem Mas estou contente por existir Eu vivi muitas experiências Eu não posso enumerá-las</p> <p>Todos os dias são uma passagem Eu aprendo a me tornar cada vez mais sábio Eu nasci em 1997 Eu queria contar os bons momentos mas sequer encontrei sete</p> <p>Eu amo a vida e vou vivê-la Eu detesto álcool e nunca ficarei bêbado Eu faço um monte de esforço para me manter feliz e depois de fazer isso o sentimento é bom Eu sou feliz</p>	<p>MEUS SENTIMENTOS</p> <p>Eu não sei se estou bem Mas estou contente por existir Eu vivi muitas experiências Eu não posso enumerá-las</p> <p>Todos os dias são uma passagem Eu aprendo a me tornar cada vez mais sábio Eu nasci em 1997 Eu queria contar os bons momentos Mas sequer encontrei sete</p> <p>Eu amo a vida e vou vivê-la Eu detesto álcool e nunca ficarei bêbado Eu faço um monte de esforço para me manter feliz</p>
--	--

Fonte: as autoras

Figura 3 - Tenho orgulho disso**TENHO ORGULHO DISSO**

Eu vim tarde demais para um mundo muito
velho

Mas assumi a minha vida

Menina preta, de tamanho médio

Estou orgulhosa de mim mesma
Independente, calma, respeitadora,
sentimental

Estou orgulhosa de mim mesma

Haitiana apesar dos rumores

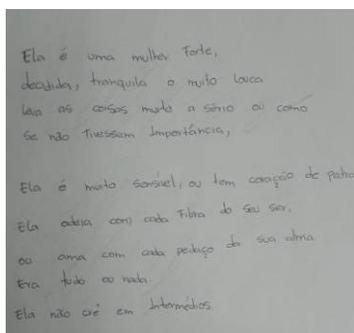
Estou sempre orgulhosa de mim mesma
Mesmo que eu apegue para baixo
Estou mais do que orgulhosa de mim mesma

Vi a minha vida como um conto de fadas

Porque assumi minha vida

Graças a Deus meter criado assim
Estou orgulhosa de mim

Fonte: as autoras

Figura 4 - Ela é uma mulher forte

Ela é uma mulher forte
decidida, tranquila e muito louca
leva as coisas muito a sério ou como
se não tivessem importância,

Ela é muito sensível, ou tem coração de
pedra

Ela odeia com cada fibra do seu ser,
ou ama com cada pedaço da sua alma.

Fonte: as autoras

O momento de leitura desses escritos permitiu que uma das bolsistas do curso de Letras percebesse de forma mais incisiva as diferenças na pronúncia, nas entonações de algumas palavras e a dificuldade que alguns alunos tinham com determinados fones, dependendo de sua língua materna. Essa constatação foi motivo de discussão no encontro de planejamento seguinte e levou a pesquisas acerca da fonética e da fonologia no que tange ao Português Brasileiro como língua adicional, complementando os estudos acadêmicos inseridos na grade curricular do Curso de Letras.

Paralelamente à produção dos autorretratos nas oficinas de Língua Portuguesa, nas de História, discutiu-se acerca de identidade; e, nas de Fotografia, os alunos produziram autorretratos fotográficos, o que resultou, juntamente com os textos escritos, em uma exposição. A Figura 5, que segue, traz algumas dessas fotos.

Figura 5 - Autorretratos fotográficos



Fonte: as autoras

Toda essa diversidade de produções foi exposta no Sarau Culturas do Mundo 2019, evento organizado por todos que se envolvem no Projeto. Para o evento, os migrantes também trouxeram comidas típicas e adereços de seus países, o que possibilitou uma noite de diferentes sotaques, sons, ritmos, movimentos, aromas e sabores, alinhavados por muito afeto, acolhimento e respeito às diferenças. A trilha sonora também foi bem variada, assim como as coreografias, que foram ensinadas e compartilhadas por todos que lá estavam.

Nessa noite, além das atividades organizadas juntamente com os beneficiados no Projeto, os migrantes e refugiados também receberam uma surpresa: as cartas, escritas por seus “amigos secretos brasileiros” foram

entregues. A cada carta aberta e lida, o sorriso estampado no rosto; eram cartas de boas-vindas, imbuídas de carinho, com palavras de afeto e gratidão escritas por crianças, o que renova a esperança de integração dos migrantes e refugiados à comunidade e diminuição do racismo e da xenofobia.

Figura 6 – Recebimento das cartas



Fonte: as autoras

No encontro seguinte, essas cartas foram respondidas e decidiu-se que elas seriam entregues em mãos às crianças, na escola onde estudam. Assim, organizou-se, conforme as disponibilidades, o melhor dia e horário, quando representantes dos beneficiados, bolsistas e professores do Projeto foram até a escola e, além de entregar as respostas puderam conversar, brincar e jogar, todos juntos. Foi mais uma manhã memorável e de muitas trocas para todos.

Quanto aos textos produzidos ao longo das aulas? Eles possibilitaram não apenas aprender português, tanto no que diz respeito à escrita como à fala, mas, pela escrita e a fala em uma língua que, aos poucos, vai se tornando familiar,

dizer de si, desnudar-se e, dessa forma, permitir que o outro lhe conhecesse, pela forma com que escolheu cada palavra e compôs cada linha, cada verso.

Da mesma forma, o Projeto possibilitou, e continua possibilitando, a acadêmicos do Curso de Letras muito mais que uma vivência extensionista, mas a constituição de professores em formação. Segundo Santos (2015, p. 4653), “a aproximação do professor em formação com o ambiente real da sala de aula pode vir a construir um processo de formação de professores mais sólido, íntegro e que acompanhe as mudanças sociais que envolvem as gerações.” Isso é notável quando os discentes envolvidos no Projeto são questionados. Seguem as palavras de uma das acadêmicas responsável por ministrar as aulas:

Percebi, no projeto de extensão, o que eu talvez fosse demorar muito a ver se tivesse contato com a sala de aula apenas após a graduação. Entendi o que todas aquelas disciplinas sobre didática diziam com tanto vigor, na prática: a importância de reconhecer o aluno como indivíduo, com suas necessidades e capacidades, com o mundo que traz em si.

As palavras da bolsista remetem a Tardif (2008): “numa disciplina, aprender é conhecer. Mas, numa prática, aprender é fazer e conhecer fazendo”. Muito mais que aliar a teoria à prática, trata-se da compreensão de uma premissa básica para a docência, a empatia, aliada à necessidade de conhecer os alunos, para, a partir da sua bagagem, o professor planejar suas aulas.

Cabe destacar, também, a importância da relação professor-aluno, a qual, de acordo com Tardif (2008), envolve processos cognoscitivos e socioemocionais, percebidos na ação de ensinar do professor e no que diz respeito aos vínculos afetivos. Ademais, oportuniza-se aos acadêmicos algo dificilmente compreendido a partir de experiências de terceiros: o domínio de turma – especialmente ao perceberem que a expressão “domínio” se afasta do sentido comum de dominação, tomando uma nova forma, em que professor e aluno constroem juntos o processo de ensinoaprendizagem, uma vez que, conforme Dewey (1976), a verdadeira experiência educativa envolve continuidade e interação entre quem aprende e o que é aprendido.

Considerando esses aspectos, o conceito de “aula” em que um ensina e os demais aprendem já não existe mais, assim como a língua portuguesa da escola distante daquela do universo dos alunos:

Acredito que estar em sala de aula com o papel de mediar o conhecimento é isso. Aprendemos cada dia mais. E percebo, portanto, a diferença das aulas que tive no Ensino Médio – decorando coisas, conjugando o pronome “vós” – e essas, que trazem o que eles pedem – o contato oral no cotidiano e os regionalismos, por exemplo. Como gaúcha, em uma aula que ocorre no Rio Grande do Sul, deixo claro: estas são as conjugações para “tu” e “vós”, mas provavelmente não as ouvirão dessa forma na rua, no mercado, no conto. (Fala de uma das bolsistas do Projeto).

Nesse sentido, o trabalho a partir de situações reais de aprendizagem, com textos reais e, portanto, com gêneros diversos, traz para as aulas de Língua Portuguesa muitas possibilidades, a partir do conhecimento de mundo e de língua dos participantes. Essa vivência, salienta-se, também vai ao encontro do que preconiza a Base Nacional Comum Curricular – BNCC –, ou seja, um processo de ensinoaprendizagem baseado em competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O português como língua de acolhimento é a possibilidade de migrantes e refugiados se integrarem na sociedade, no mercado de trabalho e, enfim, como expôs uma das migrantes, “sair da bolha e finalmente existir” nesse novo lugar. “O mundo em NH” é, pois, fundamental para que esses cidadãos possam se constituir e se integrar à nova sociedade.

Da mesma forma, se considerarmos a necessidade de uma formação docente mais sólida, que pretende instrumentalizar teórica e metodologicamente os acadêmicos de licenciatura, com vistas a uma prática pedagógica mais produtiva, intencional e humanizadora, que considere as particularidades dos seus alunos, vivências extensionistas como a discutida neste estudo contribuem sobremaneira. Para além da aprendizagem da língua, as práticas no Projeto demonstram a importância do olhar sensível às necessidades básicas dos indivíduos que aqui chegam e buscam, no conhecimento da língua e da cultura do país, também a possibilidade de estabelecer novos vínculos.

Essa sensibilidade no fazer pedagógico evidencia-se no olhar atento e na escuta ativa, na busca pelas reais necessidades dos beneficiados do Projeto, o que significa, também, valorizar seus saberes prévios. Partindo dessa premissa, a

elaboração de materiais autênticos e de atividades que possibilitam olhar para si e o outro contribuem para uma formação humana, para além daquilo que qualquer manual pedagógico possa sugerir. Ademais, vivências como a troca de cartas entre crianças de uma escola da cidade e os migrantes beneficiados no Projeto abrem a possibilidade de contrariar estereótipos negativos muitas vezes vinculados à imagem do migrante/refugiado.

Estar, pois, inserido em ambientes de ensinoaprendizagem em que todos ensinam e todos aprendem possibilita a acadêmicos de Letras, já em sua formação, vivenciar situações pedagógicas reais, para além dos estágios obrigatórios, o que lhes possibilita, muito mais que aliar a teoria à prática e trabalhar a língua, constituírem-se também como professores mediadores do processo de construção do conhecimento. Nesse contexto, em que a língua é também acolhimento, o/a futuro/a professor/a de Língua Portuguesa, pela língua e para além da língua, será capaz de, em suas aulas, lançar mão não apenas de conhecimentos linguísticos relacionados a vocabulário e estruturas, por exemplo, mas contribuir para a transformação do meio em que vive, na busca por uma sociedade mais equânime e empática.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/MEC**. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 2, de 1º de julho de 2015. Define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior e formação continuada. Brasília. DOU, 2 jul. 2015.

CHAUÍ, Marilena. A linguagem. In: _____. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



SANTOS, Camille Anjos de Oliveira; SILVA, Carla Cristie de França; OLIVEIRA, Ana Beatriz Cunha Maia de. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O DESAFIO DA PRÁTICA. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas**, [s. l.], 2015. DOI ISSN 2176-1396. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23961_13445.pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em 14 de junho de 2020

Aprovado em 28 de setembro de 2020